

7 de outubro de 1963 constituiu-se no Dia fatídico. Seria a continuidade ao inúmeros equívocos da USIMINAS. Dia que ficaria marcado para sempre na memória dos milhares de operários sobre como foi preparado e como começou o golpe de 1964.

Se a direção da USIMINAS estava de "mãos dadas" e mancomunadas com a repressão e com a violência policial, por outro lado nós, os trabalhadores, estávamos criando uma nova forma de solidariedade com o aprofundamento de um novo canal de reivindicações que já não era apenas as reposições e aumentos salariais ou por melhores condições e vida.

As reivindicações passaram ser mais claras. Como, por exemplo a exigência para a troca do policiamento truculento, bem como a substituição do corpo de vigilância da Empresa que também considerávamos atroz.

Naquela noite permanecemos em vigília no centro dos nossos alojamentos e nos revezamos nas falas contra a direção da Empresa e contra a polícia até que fossem libertados os companheiros presos no Alojamento da Chicago.

Logo ao amanhecer, antes dos primeiros raios solares, por volta das 5 horas, nos deslocamos para o Portão Central da Usina decididos a protestar e pedir aos companheiros que não entrassem para o trabalho até que fossem libertados os operários presos na noite anterior.

Exigíamos também que fossem esclarecidas as razões das arbitrariedades cometidas pela Empresa e pela Polícia desde a criação da Empresa dois anos antes.

Mais do que isso. Estávamos dispostos a decretar greve geral até a saída da polícia. E estávamos dispostos a resistir a tudo, embora pacificamente. No que fomos ajudados pela filosofia de Mahatma Ghandi, onde a resistência pacífica era nossa arma principal.

Como não tivemos tempo de nos organizar melhor e sem uma liderança mais politizada em nosso meio apenas recorrimos aos ensinamentos de cada um.

Da minha parte levei um pouco da experiência com as observações que fiz nas greves dos operários Morro Velho, em Raposos e Nova Lima, onde morei na minha infância, estudei o primário e o ginásio no início da minha juventude.

E, mesmo estando um tanto perdidos em nossa atuação, tresnoitados e sem um comando definido lembrei um pouco do que aprendi com os comunistas da Mina de Morro Velho de Raposos: Dazinho Pimenta, Benigno Azevedo Leite, José Alexandre e Anélio Guimarães quando, à época, driblavam o famigerado Tenente Pedro. Naquele tempo pude observar como se processava na prática uma revolta, uma greve e uma ação que não poderia prever as consequências futuras, pois ninguém sabia o que o "outro lado", ou o que os "inimigos" estavam pensando, tramando.

Concentramos o piquete principal no portão Central, no Horta. A polícia já estava lá também com metralhadoras de tripé e de mão, fuzis, granadas e os soldados bastante agitados.

O destemor juvenil, a vontade de exercer o direito de protestar livremente e a liberdade sonhada por ser jovem fez com que ousássemos com intensidade no enfrentamento com a polícia que estava armada até os dentes. Nada temíamos. Chegamos até a empurrar com a barriga os fuzis que os policiais apontavam em nossa direção e dizíamos que nada

### 3. Quatro anos respondendo JPM na 4ª Região Militar de Juiz de Fora.

As cartas precatórias da IDJ/4 de Juiz de Fora me exigiam estar sempre à disposição daquela Unidade Militar. O Promotor Joaquim Simeão de Faria era um algoz sádico que mostrava que tinha prazer de cumprir com crueldade as acusações contra presos políticos. Eu não podia me afastar de Belo Horizonte por mais de 24 horas. Não podia nem ir à praia.

Tive certa dificuldade para me manter como estudante mas, graças à boa vontade de membros da Fundação Mendes Pimentel, que me forneceu uma bolsa de alimentação, consegui concluir meu curso. Outro tipo de ajuda para minha sobrevivência veio através da Editora "SINAL" - ligada à uma Organização de Esquerda que editava livros progressistas - me concedeu uma vaga de vendedor, até conseguir um estágio no JORNAL DO BRASIL.

Isto me proporcionava uma quantia para me manter, mas cheguei a morar clandestinamente no Diretório Acadêmico da FAFI/JFMG, mais tarde montamos um "aparelho" na Favela do bairro Sº Antônio, estourada pela repressão em 1970.

No "JORNAL DO BRASIL" entrei como repórter-estagiário através de teste de seleção. Lá trabalhei de 1970 até meados de 1971. Como ainda respondia processo era sempre "monitorado" pela repressão. Numa "blitz" da Polícia Militar e do DOPS me abordaram próximo à casa do ex-secretário de Segurança de Minas, Cel Murgel, na rua Grão Mogol com rua Utião, com o pressuposto de que eu iria colocar uma bomba na mansão do secretário. Eu estava em companhia do então menor, Jarvet Monteiro - hoje ator de renome da TV Educativa. Eu estava ajudando o Jarvet a caminhar, pois jovem ainda e sem resistência à bebida havia tomado um pouco mais numa festa do seu primo e meu colega, Manoel Marcos Guimarães.

Quando os agentes nos identificaram verificaram que eu era jornalista. Ai soltaram o Jarvet e outros rapazes e foram até a casa do secretário e de lá voltaram com uma lista e disseram que meu nome estava incluído. Ai começaram a me dar pancadas. Pegaram minha carteira funcional colocaram fogo e passaram a queimar meu cabelo, na época bem grande. Deram uma gravata e torceram meu braço para trás e destriam muros fortes nos ombros até minha omopleta quebrar. Cai e chutaram meu rosto e barriga. Contorcendo de dor eles me arrastam até a Av. do Contorno, bem próximo do local da abordagem.

Nenhum táxi parou para mim, pois estava sujo de barro. Fui a pé até o "Estado de Minas", na rua Goiás procurar a ajuda e lá encontrei meu colega de turma, Carlos Lindemberg, que estava de plantão. Lindemberg prontamente me levou até o Pronto Socorro e de lá até a Medicina Legal. Constatada a fratura me engessaram. No outro dia, através do presidente Sindicato dos Jornalistas de Minas, Virgílio de Castro Veado foi dada entrada de uma representação na Corregedoria de Polícia contra os dois agentes.

Virgílio designou os advogados Hezik Muzzi e Flávio Régis de Moura Castro para acompanharem o processo. Os jornais não só em Minas, mas também em todo o Brasil deram ampla cobertura, principalmente o JB, onde os chargistas Lan e Hentfil fizeram charges criticando a atitude da polícia. Tentei trabalhar mas com o braço direito engessado não conseguia bater à máquina de escrever manual.